


OBSERVAÇÕES SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DA *DICHTUNGSVERMÖGEN*: SUA PRESENÇA E CONSEQUÊNCIA NA PRIMEIRA EDIÇÃO DA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA* DE KANT

André Renato de Oliveira¹

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

 <https://orcid.org/0000-0003-3840-0635>

E-mail: andrerpro@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar a ação da faculdade imaginativa poética ou inventiva (*Dichtungsvermögen*) na *Dedução transcendental das categorias*, na primeira edição da *Crítica da razão pura* (1781) de Kant, e examinar o destaque que este autor lhe atribui em sua *Antropologia*. Este trabalho defende a tese de que essa capacidade da faculdade imaginativa teria um papel fundamental no desenvolvimento da dedução subjetiva apresentada por Kant na primeira edição de sua *Crítica da razão pura*, pois isto, possibilitaria considerar a partir de seu funcionamento uma teoria dos juízos psicológica. Contudo, destacaremos que tal possibilidade estaria limitada na *Crítica*, fato que consideramos aduzir o seu campo de atuação e investigação à *Antropologia*, o que caracterizaria esta última obra como um campo fértil para a ação e investigação psicológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Kant; *Dichtungsvermögen*; Tetens.

OBSERVATIONS ON THE UNFOLDING OF THE *DICHTUNGSVERMÖGEN*: ITS PRESENCE AND CONSEQUENCE IN THE FIRST EDITION OF KANT'S CRITIQUE OF PURE REASON

ABSTRACT:

This work aims to analyze the action of the poetic or inventive imaginative faculty (*Dichtungsvermögen*) in the *Transcendental Deduction of the Categories*, in the first edition of Kant's Critique of Pure Reason (1781), and to examine the emphasis that this author attributes to it in his *Anthropology*. This work defends the thesis that this capacity of the imaginative faculty would have a fundamental role in the development of the subjective deduction presented by Kant in the first edition of his *Critique of pure reason*, indicating, as it would make it possible to consider from its functioning a theory of psychological judgments, however, we will emphasize that such a possibility would be limited in the *Critique*, a fact that we consider to add its field of action and investigation to *Anthropology*, which would characterize this last work as a fertile field for psychological action and investigation.

KEYWORDS: Kant; *Dichtungsvermögen*; Tetens.

¹ Pós-doutorando(a) em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas – SP, Brasil.



Christian Wolff: A imaginação psicológica

Começamos por destacar a influência que a obra de Wolff teve quando tratamos do tema psicologia, visto que Wolff era o grande nome desta matéria em seu tempo. É em sua obra: *Psychologia Empirica* (1732) que o autor descreve a função da alma no conhecimento humano. Quanto a referida obra, nela Wolff dedica-se à a alma humana *in genere* e a faculdade de conhecer *in specie*; para este filósofo, a alma humana é considerada o fundamento do conhecimento. Para Wolff (1732; §29) “... a existência da alma nada mais é que nossa existência, enquanto somos conhecedores de nós mesmos e da coisa.”². Esta alma que Wolff (1732; § 20) descreve na *Psychologia Empirica* é definida por ele como: “Mens vel Mens humana”, a esta faculdade da alma é atribuído a *potentia activa* (potência ativa). No quarto capítulo da referida obra o autor trata da imaginação, da *facultas fingendi*, da memória, e é ali que Wolff deixa claro que a imaginação tem um papel distinto daquele atribuído ao intelecto. Wolff (1732; *De Sensu* §56) explica que os sentidos forneceriam a base empírica do conhecimento e a imaginação estaria a eles estritamente ligada. Neste contexto a faculdade sensível seria a capacidade de perceber cada objeto externo através das alterações que estes causam em nossos órgãos sensíveis, conforme as alterações operadas neles³. Ou seja, seríamos afetados pelos objetos externos, mas a nossa sensação varia dependendo de como o objeto afeta nossos órgãos sensíveis (por exemplo: pensemos num vidro embaçado entre nós e um objeto). Ainda nesta mesma perspectiva de afecção, noutro texto de Wolff chamado: *Psychologia rationalis*, pontualmente na § 111 o tema é retomado. Neste o filósofo destaca que “o movimento impresso por objetos sensíveis se dá pelo nervo sensorial propagando-se por todo o cérebro”⁴. Tomando como referência as duas obras citadas, percebe-se que para Wolff há uma clara importância de nossa constituição física para a determinação do objeto em nossa consciência, ou seja, temos aí uma base empírico- biológica, e, atento como ela está unida a sua teoria da imaginação. Esta premissa é importante a nossa investigação, assim aclaremo-nos lá. No capítulo III da *Psychologie empirica* (Part. I, § II) Wolff define a imaginação como “a capacidade de reproduzir a ideia do objeto sensível ausente”⁵. Para Wolff (1732; § 94) o que imaginamos depende sempre da sensação precedente. Por isso a ideia produzida pela imaginação chama-se *phantasma* (fantasma) em conexão com o termo *phantasia* (fantasia), ou seja, sem uma precedente sensação nenhum fantasma poderia surgir na alma. A imaginação, contudo, é capaz de ampliar a nossa experiência vinculando-a a experiência passada ou ligando-a por semelhança ou analogia. Destaco aqui essa capacidade de revocar ideias própria da faculdade imaginativa posta por Wolff. Atentemos também o quão esta posição é inovadora, e sem dúvidas chamou a atenção tanto de Kant quanto de seus contemporâneos. Contudo, esta nova forma de revocar e vincular experiências coloca Wolff, bem como, colocará outros pensadores inclusive o próprio Kant, diante de um aspecto peculiar da imaginação a *facultas fingendi*. Em Wolff podemos imaginar de maneira distinta as partes de um composto antes mesmo da experiência. Isto posto, ele declara que, como consequência disto nossa imaginação é capaz de recompor a percepção parcial de diversos corpos compostos livremente (*pro arbitrio*), ou seja, ligar a partir de uma única

² Tradução nossa

³ §67 “ Facultas sentiendi sive Sensus est facultas percipiendi objecta externa mutationem organis sensorii qua talibus inducentia, convenienter mutationi in organo factae”.

⁴ Ch. Wolff. *Psychologia rationalis* (§ 111) “Dum anima sentit, motus ab objectis sensibilibus impressus nervis sensorii ad cerebrum usque propagatur”.

⁵ Ch. Wolff (§91) “ Objectorum sensibilium absentium ideas mens reproducere valet, seu, quod perinde est, si qua sensu percepit anima, eorum perceptiones reproducere potest, objectis licet absentibus”.

parte um ente completo, “nunca antes percebido pelos sentidos”⁶. Esta capacidade é definida por ele como: A faculdade de produzir, através da divisão e da composição, *phantasmata* nunca antes percebida pelos sentidos diz-se *facultas fingendi*. Wolff (1732, § 144) acrescenta: “a divisão e a composição do phantasma são operações da imaginação”, portanto “a *facultas fingendi* está contida na faculdade de imaginar, e constitui uma parte desta”. A novidade aqui se faz clara, e diz respeito a pensar esta força de inovação e criatividade inerente a nossa faculdade imaginativa. Para corroborá-la apoiemo-nos nas palavras do próprio Wolff (1732; §146):

Unimos a um tronco humano uma cabeça de cervo e um casco de equino: quem pode demonstrar que seja contraditório que um tronco humano tenha uma cabeça de cervo e um casco de cavalo, mesmo que isso não exista na natureza; não seria contraditório se por milagre passasse a existir? Seria exigido um aparato gigantesco para demonstrá-lo, mas ainda parece claro a todos que um corpo desta forma não poderia existir conforme a natureza, se não tivéssemos visto não saberíamos que existe ou existiu. Ocorre que fruímos destas entidades fictícias produto da imaginação, mesmo sem nunca as ter visto, contudo ainda não investigamos se isto envolve uma contradição total ou apenas a série das coisas precedentes. (Wolff, C. *Psychologia empirica*; 1732. § 146)⁷

Além de elucidativo, temos no texto uma preocupação clara de Wolff, quanto aos corpos puramente imaginários não serem substituídos pelos reais. A isto, Wolff nos chama a atenção que:

Vejamos os pássaros, olhem os peixes. Nada impede a imaginação em colocar asas nos peixes e produzir algo como um phantasma de peixes voadores. Mas o peixe voador não pode ser reenviado ao número de corpos em geral nem ao mundo que conhecemos, antes de ter mostrado que os peixes tenham asas ou que o peixe voador possa ser produzido conforme as leis da natureza. Ora, sabemos por histórias de marinheiros que existem peixes voadores, se considerarmos o peixe voador como um gênero, mas não devemos atribuí-lo a *entidades fictícias* (entia ficta), se a imaginação fixa-se a um indivíduo que imaginamos, ainda assim não pode ser reconduzida ao número de entidades verdadeiras. E segue:

Vejamos, então, quão pouco há para confiar na imaginação e quão cautelosamente se deve proceder para não ser submetido às suas imposições. (Wolff, C. *Psychologia empirica*; 1732, 147)⁸

É nítido que a preocupação de Wolff é a de proteger a esfera da verdade da confusão induzida pela imaginação. Ora, mas também está claro, que o filósofo reconhece na imaginação

⁶ Ch. Wolff *Psychologie empirica* (§ 141) “perceptiones partiales diversorum entium compositorum pro arbitrio combinare valemos, subjecto quoque imaginatio tribuere potest modos in eo sensu nondum a nobis perceptos , perceptos tamen antea in aliis subjectis, modo eidem non repugnent, ut prodeat phantasma entis sensu antea nondum percepti”.

⁷ Ch. Wolff (1732 § 146) “(Difficile su binde est demonstratu, utrum ea, quae imaginatio conjungit, sibi mutuo repugnent , nec ne.) Trunco humano jungimus caput cervinum, pedesque equinos: equis vero demonstrat , vel in se repugnare, ut truncus humanus continuus sit capit cervino & pedibus equinis, vel tale quid minimum via naturae existere non posse, etsi in se non impossibile per miraculum ut existat minime repugnet? Multus sane requireretur apparatus, antequam demonstrationem absolvere liceret, utut per se incautis manissetum videatur, ens istiusmodi naturae viribus existere non posse, quod idem nec existere unquam viderimus, nec alibi exister, aut extitisse acceperimus. Accidit ex hic ratione, ut in numerum entium fictorum referamus, quicquid imaginatio antea nobis non visum producit, etsi nondum inquisiverimus, utrum vel absolute, vel in ordine ad praesentem seriem rerum contradictionem involvat”

⁸ Ch. Wolff (1732, § 147) “ Vidimus aves, vidimus pisces . Imaginationi nihil obstat, quo minus als apponta pisci & sic producat phantasma pisci volante. Enimvero piscis volns in numerum entium vel simpliciter, vel ad hunc mundum adspectabilem pertinentium referti nequit, antequam ostenderit, non ripugnare ut piscis habeat ala, vel naturae vi pisces volantes produci posse. Jam cum ex relatione illorum constet, qui per maria navigarunt, dari pisces volantes: phantasma pisci volante si in genere consideretur, ens fictum equidem non refert; quatenus tamen ei, quem refert, pisci eas apponit alas, quas phantasmas exprimit, in numerum entium verorum ideo nondum referti potest piscis ille volant, quem tibi immaginari. Videmus itaque, quam parum sit fidendum imaginationi, & quam caute sit procedendum, ne nobis abe adem imponi patiamur”.

uma força ou capacidade de aumento e alteração da realidade. Wolff (1732 § 149) ainda usa como exemplo da capacidade de recomposição e decomposição da imaginação à arquitetura, Vejamos:

Como as partes de um edifício podem ser alteradas conforme a nossa vontade, a imaginação é capaz de elaborar a ideia de um novo edifício tomando por base o que já observou em vários outros edifícios, o mesmo acontece em outras obras de arte. (Wolff, C. 1732; § 149)⁹

Aqui não se trata mais de uma simples decomposição ou recomposição de elementos, mas sim da experiência passada, fala-se agora de uma nova relação que em certa medida permeia a relação entre imaginação e razão. Paschi, M. (2005, p.50) observa que estamos diante de uma posição nova que parte de Wolff segundo a qual a imaginação passa a luz de uma “*ars inveniendi* (*arte de inventar*) geral a qual opera como uma nova hipótese, estabelecida por regras internas, que abrirá a via de reflexão kantiana”. Cabe-nos agora investigar como isto repercutirá e a influência que terá no pensamento de Kant.

A *Dichtungsvermögen* em Kant

Na *Metafísica de Herder*, a *Dichtungsvermögen* é apresentada como uma faculdade fictícia ou compositiva; nas *Lições de Metafísica* L₁(Met. L₁ p. 95) ela é definida como: “[...] a faculdade de reproduzir a impressão recebida, uma faculdade capaz de criar por si mesma imagens e representações, que não estavam *aufbehalten* (*conservados*) em nossa fantasia nem presentes em nosso sentido”. Ainda nesta mesma *Lições*, precisamente naquela que tem por título: *Das representações dos sentidos mesmos*, Kant destaca que: há sentidos que são objetivos, mas também há aqueles que são subjetivos, e que os sentidos objetivos estão ao mesmo tempo ligados ao subjetivo, isto é, Kant caracteriza os sentidos tanto objetivos quanto subjetivos, já em suas *Lições*. Dentro deste contexto, há uma faculdade a *bildende Kraft* (poder de formação) cuja a capacidade é a de formar conhecimento a partir de nós mesmos. Esta é capaz de produzir representações do tempo presente, passado e futuro; faculdade esta que se constitui pelas: faculdade de ilustração (*Abbildung*) que trata das representações do tempo presente; facultas formandi; faculdade de imitação (*Nachbildung*) concernente às representações do tempo passado: facultas imaginandi e a faculdade da previsão ou facultas praevidendi, cujas representações são do tempo futuro. Ressalto aqui em especial a segunda destas faculdades. A faculdade da imitação é capaz através do ânimo de trazer à tona as representações dos sentidos a partir de tempos passados e de ligá-las com as representações do presente, reproduzindo as representações do tempo passado por meio de uma associação segundo a qual uma representação evoca outra que lhe era acompanhada. “Esta é a faculdade da imaginação reprodutiva” (KANT Met. L₁ 151). Na faculdade de previsão, embora uma coisa futura não forme em mim nenhuma impressão, pode formar para si, por previsão uma imagem do futuro. Essa capacidade de ir do presente para o futuro dá-se pelas leis da imaginação reprodutiva. Percebe-se que, no que diz respeito às *Lições* (L₁) essa diferenciação do poder de formação diz respeito ao tempo, porém há ainda outra diferenciação originária do poder de formação; a faculdade da imaginação, que é capaz de produzir imagens a partir de si mesma, independente da realidade dos objetos, na qual as imagens não são tomadas emprestadas da experiência. Para elucidar esta posição, Kant usa como exemplo o arquiteto que pretende construir uma casa que ele ainda não viu, e chama esta faculdade de

⁹ Ch. Wolff (1732, §149) “Quondam partes aedificii diversae pro arbitrio a nobis fieri possunt; imaginatio ex iis, quae in pluribus aedificiis diversis vidit, ideam novi aedificii componete valet. Idem eodem modo sit in aliis operibus artis”.

faculdade da fantasia. Embora o filósofo destaque que esta não pode ser confundida com a imaginação reprodutiva, sua aproximação é inevitável. O filósofo alemão vai além e destaca ainda que “todas essas ações do poder formativo podem acontecer tanto voluntariamente quanto involuntariamente” (KANT, Met.L₁ 153). Quando ocorrem involuntariamente pertencem completamente à sensibilidade, mas quando ocorrem voluntariamente pertencem à faculdade superior de conhecimento. A memória, por exemplo, seria segundo Kant uma faculdade de imaginação voluntária ou imitação e deve ser considerada a faculdade de ficção. Observemos que a faculdade superior de conhecimento proferida por Kant é oposta à sensibilidade; e o entendimento é tomado como faculdade superior de conhecimento sendo de três tipos: entendimento, faculdade de julgar e razão.

Isto posto, podemos a partir destas colocações atestar que somos dotados de uma faculdade capaz de criar representações que não estariam presentes em nosso espírito, ou seja, há uma capacidade de produzir representações espontaneamente. Assinalamos, que até este ponto não temos nada além de uma tentativa de Kant em sistematizar aquilo que Wolff teria atestado anteriormente. Contudo, há uma nova forma de pensar a psicologia em desenvolvimento, que Kant não negligenciará, e trazendo novos elementos para se pensar a questão. Para compreendermos melhor temos de retomar alguns pontos da *Crítica da razão pura*, especialmente sua primeira edição (1781) pois, defendemos haver nessa obra posições semelhantes àquelas defendidas nas *Lições*; observemos por ora seus desdobramentos.

No capítulo sobre a dedução dos conceitos puros do entendimento, na *seção 13* Kant expõe a distinção de dois tipos de deduções a empírica e a transcendental, entendemos que isso deve-se ao fato de que Kant reconhece não poder negligenciar esta capacidade subjetiva de síntese do diverso, como é atestado na carta em resposta à Kosmann datada posteriormente, em setembro de 1789 na qual o filósofo claramente diz:

Nós podemos tentar uma dedução psicológica de nossas representações, quando as consideramos como efeitos que tem sua causa no espírito em relação a outros objetos, ou uma dedução transcendental, quando não há uma origem empírica, ou uma dedução transcendental quando temos razões para supor quando elas não têm uma origem empírica, buscamos unicamente os fundamentos da possibilidade de que tenham realidade objetiva *a priori*. (Kant. Br. Ak.XI 81)

Destarte, é sabido que apenas através da dedução das categorias podemos pensar um objeto. Todo conhecimento humano e em particular todo conhecimento empírico abarca uma pluralidade de representações que se relacionam e se ligam, não podendo, pois, haver conhecimento se cada representação particular for totalmente alheia às outras, ou separadas entre si. O conhecimento humano envolve uma multiplicidade, mas também uma ligação. Kant (KrV A.115) então em 1781 declara

Há três fontes subjetivas do conhecimento sobre as quais repousa a possibilidade de uma experiência em geral e o conhecimento dos objetos dessa experiência: os sentidos, a imaginação e a apercepção; cada uma delas pode ser considerada empírica na sua aplicação aos fenômenos dados, mas todas são também elementos ou fundamentos *a priori*, que tornam possível este mesmo uso empírico. (Kant; KrV A115)

Eis a tripla síntese kantiana, a questão é que conforme Kant (KrV A124) “a síntese da imaginação, embora exercida *a priori*, é contudo sempre sensível [...]”. Ademais, estas afirmações de Kant postas em 1781 acabam por conduzir-nos a acreditar que o filósofo busca fundamentos para sua teoria na observação introspectiva, ou que ao menos não queria deixar de investigá-la.

E aqui é nosso ponto de ancoragem, consideramos ser uma das causas desta preocupação a *Dichtungsvermögen*. Entendemos que Kant ao propor a possibilidade de uma dedução subjetiva, e mesmo sua declaração à Kosmann sobre a investigação psicológica, deve-se a capacidade da *faculdade da fantasia* em produzir representações, colocando-a em paralelo com a capacidade da faculdade da imaginação ser pura e empírica.

Entendemos que isto deveu-se em grande parte a nova influência psicológica recebida por Kant, enquanto redigia a sua *Crítica* (KrV1781). O estudo de Vaihinger (1892) contribui para entendermos a nova influência psicológica que Kant recebera. O estudioso argumenta que a exposição sobre a tripla síntese foi inserida de última hora na *Dedução* de 1781, para posteriormente ser eliminada na segunda edição. Outra questão que podemos apontar é a evidência de uma nova orientação psicológica na argumentação de Kant, que o faz repensar posições que trazia da filosofia de Wolff. Antes de adentrarmos fielmente a esta questão, observemos um dos *Fragmentos*, pontualmente o *B12*, que data do mesmo período da escrita da dedução e que contribui para corroborar esta nova influência que recairá sobre a dedução subjetiva psicológica oriunda do caráter puro e empírico da imaginação. Observemos a passagem e atentemos às funções da imaginação e sua síntese, oferecidas por Kant no *Fragmento*:

A unidade da apercepção em relação à faculdade imaginativa é o entendimento. As Regras.

A capacidade reprodutiva em relação com a unidade analítica em relação com a síntese produtiva.

A síntese da unidade da apercepção em relação ao transc.: capacidade da faculdade imaginativa é o entendimento puro.

Esta transc: é a única capacidade que frequentemente determina todo fenômeno em relação ao tempo por regras válidas a priori.

As três primeiras capacidades não podem ser explicadas.

A síntese transc: da faculdade imaginativa origina-se dos nossos conceitos de entendimento.

O uso empírico da imaginação baseia-se na ideia de síntese de apreensão empírica, que também pode ser reprodutiva ou feita por analogia.

No último caso ela é faculdade imaginativa produtiva.

A faculdade imaginativa produtiva é ou pura ou empírica. O puro.

A faculdade imaginativa é em parte produtiva e, em parte, reprodutiva. A primeira torna a segunda possível [...].

A faculdade imaginativa produtiva é: 1. Empírica na apreensão, 2. Pura, mais sensível em vista de um objeto da intuição sensível pura, 3. Transcendental em relação a um objeto em geral; a primeira pressupõe a segunda e a segunda pressupõe a terceira.

A síntese pura da faculdade imaginativa é o fundamento da possibilidade da apreensão empírica incluindo a percepção. Ela é possível a priori. [...] A síntese transcendental da faculdade imaginativa oferece apenas a unidade da apercepção na síntese do múltiplo em geral através da faculdade imaginativa. (Kant, FM/Lose Blätter AA20. B.12)¹⁰

¹⁰ Die Einheit der apperception im Verhältnis auf das Vermögen der Einbildungskraft ist der Verstand. Regel.

Im Verhältnis auf das reproductive Vermögen ist die Einheit analytisch im Verhältnis auf das productive synthetisch.

Die synthetische Einheit der apperception im Verhältnis auf das transsc: Vermögen der Einbildungskraft ist der reine Verstand.

Diese transsc: Vermögen ist dasjenige was allgemein in Ansehung der Zeit alle Erscheinungen überhaupt bestimmt nach Regeln die a priori gültig sind.

Die drei ersten Vermögen sind nicht zu erklären.

Die transsc: Synthesis der Einbildungskraft liegt allen unsern Verstandesbegriffen zu Grunde.

Der empirische Gebrauch der einbildungskraft beruht auf der synthesis der Apprehension der empirischen Anschauung die denn auch reproducirt werden kann oder nach derem analogie eine andere gemacht werden kan. Im letztern Fall ist es die productive Einbildungskraft.

Die productive Einbildungskraft ist entweder rein oder empirisch. Die reine.

Die Einbildungskraft ist theils eine productive theils reproductive. Die erste macht die letzte möglich [...].

Dentre os vários elementos importantes demonstrados no *Fragmento*, destaco o caráter da faculdade imaginativa produtiva, que pode ser puro ou empírico; esta teria sido uma das fontes das interpretações psicológicas da *Dedução*. Isto posto, retomo aqui a fonte dessa nova preocupação investigativa de Kant, ou como acima denominou-se uma nova orientação psicológica. Esta influência ou chamemo-la de pertinência advêm da leitura de um contemporâneo chamado: Johannes Nikolaus Tetens. Conforme, Hamann, amigo pessoal de Kant, este último mantinha constantemente sobre sua mesa de trabalho o livro: *Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung (Ensaio filosófico sobre a natureza humana e seu desenvolvimento)* de Tetens. Mas, porque Tetens teria atraído tanta a atenção de Kant a ponto de alterar seu projeto de anos de reflexão profunda? Para compreendermos melhor esta influência, fidelizando a, cabe-nos demonstrar o contexto da questão e pontuá-la. Para tal, proponho iniciá-la a partir de Hartley (1749). Segundo este filósofo, que trata da psicologia associativa; em Locke a reflexão desempenha apenas um papel de intensidade desconhecida, é somente a expressão residual irreduzível que desaparece após realizada a análise psicológica. Assim para submeter este resíduo ao conhecimento e aos métodos da ciência da natureza seria necessário relacionar na teoria da percepção o método de Locke ao de Newton. Como atesta Cassirer (1956, p. 513): “Ressurge assim o problema de uma física da alma, que Locke havia recusado expressamente, como algo estranho ao seu propósito”. Em suma a teoria de Hartley, diz respeito à combinação como uma função própria da consciência, o eu se desenvolveria através da mecânica dos movimentos cerebrais. Não me estenderei aqui em questionar ou comentar a filosofia de Hartley, visto que poderíamos fazê-lo colocando-a em embate às ideias de J. Priestley (1777), ou mesmo no terreno psicológico proposto por Condillac. Nossa pretensão neste momento é aclarar que há em decorrência disso uma nova concepção de alma que culmina num novo conceito filosófico de consciência. O que enfatizo aqui é o fato de que há a partir deste momento uma “revolução” na psicologia e é também neste momento que é atribuído ao gênio uma autonomia, ou seja, a autonomia do gênio nasce a partir da autonomia do espírito. Parafraseando Cassirer (1956) a consciência não deve ser considerada simplesmente como o foco e o palanque do jogo associativo das sensações, pois carrega em si uma série de forças livres e criadoras. Contamos agora com uma força poética, uma potência peculiar da alma humana, uma *vis representativa*¹¹. Mas, esta capacidade poética só alcançará sua plena perfeição com um dos, ou o mais importante psicólogo da época: Tetens. Em seu sistema essa ocupará um lugar de destaque. Já nas primeiras páginas do *Versuche*, Tetens deixa claro que a psicologia da associação terá um papel de destaque na obra. Conforme o autor as representações da alma são vestígios da intervenção exterior, que a alma se limita a receber passivamente, mas que, uma vez assimilada é capaz de agrupar e ordenar como melhor lhe convier. Cito Tetens:

As representações originárias constituem a matéria de todas as demais, isto é, de todas as representações derivadas. A alma possui uma capacidade que lhe permite analisar, decompor e separar umas das outras, e voltar a juntar, agrupar e associar os diferentes elementos em partes integrantes. Revela-se aqui a capacidade poética da alma, sua força criadora e modeladora, que se manifesta em formas tão diversas como a força criadora da

Die productive Einbildungskraft ist 1. Empirisch in der apprehension 2. Rein aber sinnlich in Ansehung. 3. Transsc. in Ansehung eines Gegenstandes überhaupt die erstere setzt die zweyte voraus u. die zweyte die dritte.

Die reine Synthesis der Einbildungskraft ist der Grund der möglichkeit der empirischen in der Apprehension also auch der Wahrnehmung. Sie ist a priori möglich [...]. Synthesis der Einbildungskraft geht blos auf die Einheit der Apperception in der synthesis des Manigfaltigen überhaupt durch die Einbildungskraft. [...]. (KANT, FM/Lose Blätter AA20. B.12).

¹¹ No método de Tetens (1777), a função na força representativa é enfatizada desde o início. Tetens (1777) considera a força representativa como uma força fundamental da alma, a sua *vis representativa*.

natureza física, a qual, contudo não é capaz de fazer surgir uma nova matéria, novos elementos, podendo ser representando e sendo representado, mediante uma dissolução dos corpos que vai mais além do que podem alcançar nossos sentidos e mediante uma nova combinação dessas partículas invisíveis, novos corpúsculos e novas criaturas, todavia simples aos olhos de nossos sentidos. (Tetens, 1777, p.24)

Tetens (1777) vai além e assinala que esta atividade da consciência não se limita a combinação dos elementos conhecidos, mas que mediante a comparação entre as diversas sensações “desagregadas” é possível descobrir e produzir representações simples antes inexistentes. Cassirer (1956) atenta que:

se trata aqui de algo maior do que a transposição de simples fantasmas. O artista que cria em sua fantasia a imagem de um objeto nunca antes percebido não se limita a definir exteriormente certas representações dadas, senão que as mistura, para criar com elas uma concepção de conjunto totalmente unitária e nova (Cassirer, 1956, p.522)

Trata-se então de uma síntese criadora. Mas, Tetens (1777) é claro e diz que não há dúvidas de que temos uma atividade interior e autônoma do entendimento que determina as combinações das ideias. Assim, para este filósofo a verdadeira natureza do entendimento só será capaz de ser investigada se buscarmos investigá-lo num outro campo de atividade, diverso deste que até agora foi tentado. Conforme Tetens:

O mais frequente e usual é observar o pensamento donde agrupa experiência e donde se forma as primeiras ideias sensíveis partindo das sensações, como ocorre na teoria da natureza e na teoria da alma; contudo, seus passos não foram seguidos com a mesma sagacidade, profundidade ou o mesmo espírito questionador, ali onde esta mesma força do pensamento remonta seu voo para grandes alturas das teorias gerais e escala os cumes da verdade e das ciências, por este caminho tão suntuoso na filosofia tão firme e plano em matemática, não se questiona qual é sua marcha aqui e qual é a diretriz pela qual seu método é regido. Nisto reside precisamente a causa de tantos juízos unilaterais. Quando a força do pensamento especula, não se entrega totalmente ao que constitui a sua própria e natural ocupação? O terreno das abstrações gerais e das combinações entre elas não cairá fora de sua atmosfera? Não é esta uma atmosfera muito sutil, constantemente obscurecida por névoa e nuvens, de modo que certo conhecimento nunca pode prosperar nela? Estes já não são, na minha opinião, um problema, ao que, temos de agradecer às ciências matemáticas. Não quero me remeter aqui a uma ciência básica geral que seja como a álgebra da filosofia, pois ainda é discutido o que designa essa ciência... Mas a geometria, a óptica, a astronomia, estas obras do espírito humano, provas irrefutáveis de sua grandeza, não deixam dúvidas de que são conhecimentos reais e invulneráveis. Pois bem, a que regras fundamentais obedece a razão humana para construir estes imensos edifícios? Onde encontramos o alicerce para construí-los e como é possível extrair de suas sensações concretas ideias e princípios gerais básicos que possam servir de fundamento inabalável para tão graciosas construções? Não há dúvidas de que é aqui onde a força do pensamento revela sua mais poderosa potência. (Tetens, 1777, p. 427)

Vê-se que a orientação da investigação de Tetens não é outra senão a psicológica. Para Cassirer (1956, p. 524) Tetens não avança na questão do transcendental, e sua investigação termina exatamente onde começa a *Crítica da razão pura*. Entendemos haver aqui alguma limitação no entender do comentador sobre a limitação da investigação de Tetens, porém deixaremos por ora esta discussão de lado, e foquemos em outra afirmação de Cassirer (1956) sobre a qual estamos em comum acordo; o estudioso diz que Tetens traz à luz um problema importante que é a teoria psicológica do juízo, algo ao qual Kant não poderia omitir-se. A partir dessa

afirmação não podemos negligenciar o fato de que encontramos na *Crítica da razão pura* de Kant presente a ideia de que a razão pura é capaz e produzir ficções. Observemo-la:

Querendo saber então como são possíveis conceitos puros do entendimento, temos de investigar quais sejam as condições a priori, das quais depende a possibilidade da experiência e lhe servem de fundamento, quando se abstrai de todo o elemento empírico dos fenômenos. Um conceito que exprima, universal e suficientemente, a condição formal e objetiva da experiência, designar-se-ia por um conceito puro do entendimento. Uma vez que tenho conceitos puros do entendimento poderei também imaginar objetos, que talvez sejam impossíveis ou então possíveis em si, mas que não podem ser dados em nenhuma experiência, pois na ligação desses conceitos pode alguma coisa ser deixada de lado que, não obstante, pertença necessariamente à condição de uma experiência possível (conceito de um espírito) ou então estender conceitos puros do entendimento mais longe do que a experiência pode alcançar (conceito de Deus). Os elementos, porém, de todos os conhecimentos a priori, mesmo de ficções arbitrarias e absurdas, não podem ser extraídos da experiência (de outra forma não seriam conhecimentos a priori), mas devem sempre conter as condições puras a priori de uma experiência possível e de um objeto dessa experiência; caso contrário, não somente nada poderá ser pensado por seu intermédio, nem eles mesmos também, sem dados, poderiam gerar-se no pensamento. (Kant KrV A96)¹²

Tetens (1777, p.108) declara que “a alma não só é capaz de ordenar e dispor as suas representações como um galerista de uma galeria de arte, mas é capaz também de pintar e confeccionar um quadro”. Esta ocupação pertence a *Dichtungsvermögen*. Para Tetens esta comporia a *Vorstellungskraft* (força representativa). Mas o autor vai além “... uma força criadora cuja esfera de atividade parece ter uma extensão maior daquele que lhe é comumente atribuída. Esta é a faculdade espontânea o gênio[...] que não se limita ao gênio poético”. Fato é que para Tetens (1777 pp.24-25) a atividade reprodutiva da imaginação, é capaz de realizar uma atividade produtiva que consiste na capacidade de formar uma nova representação simples, que não corresponde a uma percepção precedente e que não é diretamente provocada por uma afecção sensível (vide o exemplo acima).

Conclui-se neste primeiro momento que a investigação da *Dichtungsvermögen*, é uma peça fundamental no desenvolvimento da dedução subjetiva de Kant e que esta se origina a partir da influência de Tetens. Outro ponto que podemos atestar é que ela é um elemento fundamental para pensar um elemento controverso ao campo transcendental, ou seja, haveria espaço na *Crítica* para uma teoria psicológica dos juízos? Como pensar a possibilidade de trazer à tona uma percepção sem afecção nesses moldes neste texto? Reconhecemos que o terreno de investigação da *Crítica*, não era o mais promissor a esta investigação, pois o próprio Kant (KrV A849/B877) afirma que esta ainda não era tão rica e que sua investigação deveria ocorrer numa antropologia pormenorizada. Isto posto, não nos foge a mente a questão: estaria Kant se esquivando de um problema que não é capaz de resolver dentro do contexto da *Crítica*, ou simplesmente esse não era de fato seu foco? Por fim, corroboramos que embora tivesse havido uma preocupação investigativa na *Crítica de 1781* ela foi suprimida, e teria sido conduzida à *Antropologia*. E afim de investigar esta possibilidade é que nos ocuparemos agora.

¹² Grifo nosso.

É a *Antropologia* de Kant o cenário ideal para pensar a *Dichtungsvermögen*?

Será somente na *Antropologia* que poderemos ter a real noção do horizonte ao qual a *Crítica da razão pura* tinha elevado a imaginação? Propomos responder a esta questão demonstrando que há funções atribuídas à faculdade imaginativa por Kant na *Crítica*, mas esta encontra limitações para o seu avanço dentro do campo transcendental; pois, se na *Crítica* de 1781 a imaginação tem um papel fundamental, pontualmente na *Dedução*, na *Antropologia*, esta faculdade também terá sua relevância. Começemos por demonstrá-la pela exposição desta faculdade na *Antropologia*, ali à faculdade imaginativa é atribuída das seguintes características:

A imaginação (facultas imaginando), como faculdade de intuições mesmo sem a presença do objeto, é ou produtiva, isto é, uma faculdade de exposição original do objeto (exhibitio originaria), que, por conseguinte, antecede a experiência, ou reprodutiva, uma faculdade de exposição derivada (exhibitio derivativa) que traz de volta ao espírito uma intuição empírica que já se possuía anteriormente. (Kant, Anth. Ak. AA7:167)

Esta passagem mostra que Kant na *Antropologia* mantém a sua posição quanto à característica produtiva e reprodutiva da faculdade da imaginação; além de atribuir à imaginação produtiva o preceder a cada experiência, posição semelhante àquela adotada na *Crítica* (1781). Destaco aqui a seguinte passagem da *Crítica*:

A síntese produtiva da imaginação, porém, só pode ter lugar a priori, pois a síntese reprodutiva repousa sobre as condições da experiência. O princípio da unidade necessária da síntese pura (produtiva) da imaginação é, pois, anteriormente à apercepção, o fundamento da possibilidade de todo o conhecimento, particularmente da experiência. (Kant KrV A118).

Seguimos precisando a questão das similaridades, e não podemos deixar de notar que em ambas as obras a imaginação é uma faculdade que opera no sensível, sendo capaz de uma síntese tanto empírica quanto transcendental. Isto quer dizer que, toda a síntese continua a ser atribuída à imaginação, e é a ela que se atribui o poder de produzir a ligação entre representações, esta é, portanto também, a produção *a priori* desta ligação. Contudo, atentemos que não se pode entender essa ligação como se à unidade fosse acrescida a síntese totalmente pronta, mas sim ter em mente que a síntese é o efeito da capacidade da imaginação, de uma cega mais indispensável função da alma. Esta afirmação nos remete à questão : qual a importância da *Dichtungsvermögen* no contexto da *Antropologia*.

Dada as semelhanças pontuemos agora algumas dissemelhanças. Ao contrário da *Crítica* em que a palavra *Dichtungsvermögen* sequer aparece no texto, na *Antropologia* Kant (Anth.AAVII: 175) relaciona diretamente a *faculdade imaginativa* a *Dichtungsvermögen*, inclusive lhe atribui a capacidade de síntese, apresentando-a da seguinte maneira: “há três espécies de faculdade imaginativa sensível, estas são: a plástica, a associativa e a da afinidade”. Aqui cabe uma ressalva, embora Kant reconheça na *Antropologia* o caráter produtivo da imaginação, somos levados a acreditar num primeiro momento que ele enfatiza apenas o lado sensível desta faculdade, ou seja, o que Kant traz à *Antropologia* é a análise da parte sensível da faculdade imaginativa. Contudo, Kant expõe na *Antropologia* uma nova capacidade da imaginação, a imaginação produtiva voluntária, e explica o seu funcionamento começando pela faculdade imaginativa sensível associativa. Kant (Anth. AA.VII:176) é claro e diz que “ A lei de associação é: representações empíricas que sucederam frequentemente umas às outras provocando no espírito

um hábito de fazer com que, tão logo uma seja produzida, surja também a outra”. Isso caracterizaria a faculdade imaginativa reprodutiva; concepção semelhante, é vista na *Crítica*:

É, porém, claro, que mesmo esta apreensão do diverso não produziria, por si só, nem uma imagem nem um encadeamento de impressões, se não houvesse aí um princípio subjetivo capaz de evocar uma percepção, da qual o espírito passa para uma outra, depois para a seguinte e, assim, é capaz de representar séries inteiras dessas percepções, isto é, uma faculdade reprodutiva da imaginação, faculdade que é também apenas empírica (Kant KrV. A121)

Na *Crítica* (1781) Kant afirma que a síntese reprodutiva da imaginação pertence aos atos transcendentais do espírito e, em vista disso: “designaremos também esta faculdade por faculdade transcendental da imaginação”. Na *Antropologia* parece ocorrer o mesmo. Kant estende a questão aos atos transcendentais do espírito, fato que atestaria que para Kant embora o campo de atuação da *Dichtungsvermögen* na *Antropologia* fosse o empírico subjetivo, há que se considerar a capacidade produtiva da imaginação. Isto deixa uma questão em aberto: O que, ou qual seria este princípio subjetivo capaz de evocar uma percepção? Estaria esta resposta na teoria psicológica dos juízos? Por ora, seguimos pela exposição da capacidade da faculdade imaginativa sensível da afinidade?

Entendo por afinidade a unificação que faz o diverso derivar de um fundamento”. E segue: “A palavra afinidade faz lembrar aqui uma ação recíproca tirada da química, análoga a esse vínculo intelectual, de duas matérias especificamente diferentes, corpóreas, interagindo intimamente entre si e tentando alcançar uma unidade, onde essa união causa um terceiro, que tem propriedades que só podem ser produzidas pela união das duas substâncias heterogêneas. (Kant, Anth.AAVII:177)

Não podemos aqui deixar de traçar um paralelo com o conceito de afinidade apresentado por Kant na *Crítica* (1781)

O princípio da possibilidade da associação do diverso, na medida em que o diverso repousa no objeto, chama-se a afinidade do diverso A unidade objetiva de toda a consciência (empírica) numa consciência (a da apercepção originária) é, portanto, a condição necessária mesmo de toda a percepção possível, e a afinidade (próxima ou distante) de todos os fenômenos é uma consequência necessária de uma síntese na imaginação, que está fundada a priori sobre regras.[...] Ainda que pareça estranho, resulta claro do precedente, que apenas mediante esta função transcendental da imaginação se tornam mesmo possíveis a afinidade dos fenômenos, com ela a associação e, por esta última, finalmente, a reprodução segundo leis [...] (Kant KrV A.113/114/122)

Estas colocações de Kant corroboram nossa posição de que ele levou à *Antropologia* um campo de investigação empírico/transcendental que não propôs estender na *Crítica*. Defendemos aqui, e destaco esta afirmação, embora em ambas as obras tenhamos a presença da investigação da capacidade da faculdade da imaginação produtiva empírica; Kant conduz esta posição à *Antropologia*, embora a tenha excluído da segunda edição de sua *Crítica* (1787). Prova disto é que na *Antropologia* é possível notar que Kant atribui ao processo de reprodução um papel ativo para a *facultas fingendi*. Nesta obra a imaginação é a faculdade capaz de intuir, mesmo na ausência do objeto, podendo ser apenas reprodutiva, mas no que diz respeito à forma ela é produtiva. Kant é literal, há na *Antropologia* a presença das ações da *imaginação produtiva* que podem ser: descobrir algo que já existia; inventar algo que não existia, mas que deve sua existência a nossa atividade; encontrar algo que estava oculto; inventar algo; descobrir algo e criar algo novo, ou seja dirigir

sua inteligência voluntariamente para a produção de representações. Temos ainda a *imaginação produtiva involuntária ou fantasia*; que inclui os sonhos, os devaneios a divagação etc. e a *imaginação reprodutiva*, a esta cabe “fazer presente o passado e o futuro por meio da imaginação”. A esta faculdade cabe a capacidade do sujeito em dispor livremente de seu próprio acervo de representações. Isto posto, temos então uma faculdade imaginativa produtiva voluntária/involuntária e reprodutiva, que corrobora nossa afirmação anterior da condução à *Antropologia* de uma exposição da capacidade imaginativa produtiva empírica, algo já posto anteriormente na *Crítica* de 1781, porém não desenvolvido satisfatoriamente ali. Não obstante, esta divisão de Kant nos remete novamente ao seu contemporâneo Tetens, pois, o caráter reprodutivo que Tetens chama de *Dichtkraft*, encontra seu correlato quase literal na *Antropologia*, como foi posta antes na *Crítica*, visto que Kant como o faz Tetens pensa a representação sem correspondente perceptivos, isto é, trata-se de uma produção livre.

Se observarmos a posição de Kant (V-Met-L₁ Pölitz AA28:442) sobre a *bildende-Kraft* presente na *Metafísica-Pölitz* e confrontá-las com as *Lições de Antropologia*, encontraremos este novo elemento: a imaginação como uma faculdade superior da consciência capaz de unificar o diverso. Assim se por um lado fica claro que Kant reconhece o papel primordial da imaginação no processo de síntese e apreensão na *Crítica (1781)*, por outro, pode-se pensar numa mudança de posição (associação) quanto à dependência da função da imaginação ao material sensível, na *Antropologia*. Respondemos que; a imaginação reprodutiva permanece ao nível da associação, pela qual a regularidade na sucessão dos fenômenos é empiricamente perceptível no sentido interno, ou seja, trata-se ali de uma associação subjetiva, que permeia uma teoria psicológica dos juízos, algo ao qual Kant tenta se distanciar a todo custo na *Crítica*.

A grande originalidade que esta concepção traz é a de que tanto o subjetivo quanto o objetivo não se esgotam numa única forma receptiva, mas são capazes de produzir uma nova forma de consciência interna na qual nos torna capazes de ativarmos nossa capacidade inventiva. É neste campo que atua a *Dichtungsvermögen*, que embora esteja presente dentro do contexto da *Crítica* de 1781 como elemento motivador da capacidade produtiva empírica da imaginação, foi conduzida por Kant ao campo da *Antropologia*. Afim de respondermos à pergunta que deu início a esta parte do trabalho: a *Antropologia* é o cenário ideal para a *Dichtungsvermögen*? Diríamos que há na *Antropologia* a presença de uma natureza produtiva particular da imaginação empírica, como também há na *Crítica* de 1781 na dedução subjetiva. Contudo a relevância da *Dichtungsvermögen* na *Crítica* limitou-se a contribuir para se pensar a questão da teoria psicológica dos juízos; já a sua relevância, originalidade e atuação foi devotada a *Antropologia*.

Considerações finais

Se por um lado Wolff está interessado em demonstrar a estreita relação existente entre a imaginação e os sentidos, direcionando os holofotes para aos aspectos; inovador e criativo da imaginação em nossa consciência, por outro lado, ele aponta especificamente para uma função particular desta faculdade a qual ele chama de *facultas fingendi*. A questão então é: como nós podemos imaginar de diferentes formas as partes de um composto precedentemente experienciado, ou seja, como a nossa imaginação teria a capacidade de recompor uma percepção parcial de diversos corpos livremente (*pro arbitrio*) combinando partes distintas? Posta a questão, embora Kant já reconhecesse tais atribuições advindas da faculdade imaginativa desde suas primeiras *Lições*; é na primeira *Crítica*, sob a influência das ideias de seu contemporâneo Tetens, que encontraremos esta característica da faculdade imaginativa em maior destaque. Temos nesta obra um enfoque expressivo sobre a capacidade da imaginação produtiva, sendo capaz de criar

por si mesma uma representação que não estava conservada em nossa fantasia e nem presente em nosso sentido. Esta criação livre, capacidade produtiva empírica, causou certo impacto a se pensar a atividade do pensamento e teve uma influência decisiva na dedução subjetiva presente na *Crítica* de 1781. Asseveramos assim, neste trabalho que na dedução de 1781, a capacidade atribuída à da faculdade imaginativa (*Dichtungsvermögen*) por Tetens, interferiu diretamente, não só na construção da dedução subjetiva, mas também para que Kant voltasse a sua atenção para a observação introspectiva. Temos a partir de então a presença da faculdade imaginativa produtiva empírica, e em decorrência disto, ainda sobre a âmbito da *Dichtungsvermögen* a capacidade de produzir ficções. Esta problemática está literalmente exposta na passagem A 96 da *Crítica* (KrV), na qual Kant afirma “ uma vez que tenho conceitos puros do entendimento posso pensar objetos[...]mas que não podem ser dados em nenhuma experiência...” Esta possibilidade, sugere a atestar não só a capacidade intelectual de inventar desta faculdade, mas também a pertinência em clamar pela investigação e suposição de uma teoria psicológica dos juízos. Isto posto, num primeiro momento, podemos alegar que a característica desta faculdade imaginativa levou Kant a considerar e reconhecer ao menos em 1781 a possibilidade de uma dedução subjetiva psicológica. Contudo, verificou-se também que investigar e se aprofundar em tal hipótese não era o objetivo de Kant na *Crítica*, e que este método empírico de investigação, bem como a atuação da *Dichtungsvermögen*, deveria ser investigado dentro do campo pragmático, ou seja, esta discussão foi conduzida e explanada apenas em sua parte sensível na *Antropologia*. Corroboramos assim que, embora na *Crítica* Kant tenha se ocupado da questão, no final da obra ele mesmo declara que:

[...]qual será a posição da psicologia empírica, que sempre reclamou o seu lugar na metafísica, e da qual se esperavam na nossa época tão grandes coisas para o esclarecimento desta ciência [...] Respondo: o seu lugar é aquele onde deve ser colocada a física propriamente dita (empírica), isto é, do lado da filosofia aplicada, para a qual a filosofia pura contém os princípios a priori e com a qual, portanto deve estar unida, mas não confundida. (Kant. KrV A. 848 B.876)

Esta citação além de ratificar o banimento da psicologia da investigação transcendental, ressalta ainda que esta deve estar unida à filosofia aplicada que contém princípios a priori, mas não confundida com ela. E por fim, resalto que a faculdade imaginativa (*Dichtungsvermögen*) teve uma influência considerável para se pensar a dedução dos conceitos puros do entendimento de 1781, em especial em pensar as faculdades cognitivas em que assenta o entendimento, analisando sob o aspecto subjetivo, como o próprio Kant destaca na introdução da primeira edição da *Crítica*.

Referências

- BAUMGARTEN, A. *Metaphysica*. Halle, repr. 7^a ed 1779. Hildesheim: Olms, 1963.
- CASSIRER, E. *Kant, vida y doctrina*. Tradução Wenceslau Roces. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CASSIRER, E. *El problema del conocimiento*. 3 vol. Tradução Wenceslau Roces. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1956.
- MANGANARO, P. *L'Antropologia di Kant*, Napoli, Guida Ed. 1983.
- WOLFF, C. *Philosophia Practica Universalis: Methodo Scientifica Pertractata*. Praxin Complectens, Qua Omnis Praxeos Moralis Principia Inconscussa Ex Ipsa Animae Humanae Natura a priori Demonstrantur. Nova York: Nabu Press, 1738.
- WOLFF, C. *Philosophia Prima Sive Ontologia, Methodo Scientifica Pertractata*, Qua Omnis Cognitionis Humanae Principia Continentur. Nova York: Kessinger, 1730.
- WOLFF, C. *Psychologia Empirica: Methodo Scientifica Pertractata* qua ea, quae de anima humana indubia experientiae fide constant, continentur et ad solidam universae philosophiae practicae ac theologiae naturalis tractationem via sternitur. Nova York: Kessinger, 1732.
- WOLFF, C. *Psychologia rationalis*. Frankfurt: Rengeriana, 1734.
- KANT, I. *Gesammelte Schriften Hrsg.* Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24, Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 7^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- KANT, I. *Réflexions Méthaphysiques (1780-1789)*. Traduction de Sophie Grapotte. Paris: Vrin, 2011.
- KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Clélia Ap. Martins, São Paulo, Iluminuras, 2009.
- KANT, I. *Manuscrit de Duisbourg (1774-1775)*. Choix de Réflexions des années 1772-1777. Traduction de François-Xavier Chenet. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 1988.
- KANT, I. *Briefwechsel von Imm. Kant*. FISCHER, H. E. (Ed.). 3 Bänden. München: Georg Müller, 1912.
- KANT, I. *Lições de Metafísica*. I. Kant. Trad. Bruno Cunha, Petropolis RJ, ed. Vozes, 2021.
- KANT, I. *Système et représentation: la déduction transcendentale des catégories dans Critique de la raison pure*. Grenoble: Jérôme Millon, 1993.
- TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung*. 2 Bänden. Leipzig: Weidmanns Erben, 1777.
- PIEROBON, F. *Kant et la fondation architectonique de la métaphysique*. Grenoble: Jérôme Millon, 1990.
- PASCHI, M. *L'immaginazione come forma del trascendentale*. Pisa: Giardini editori, 2005.
- VAIHINGER, H. *Kommentar zu Kants "Kritik der reinen Vernunft"*. Stuttgart/ Berlin/Leipzig: Union Deutsche Verlagsgesellschaft, 1892
- ZAPPALORTO, M. *Johann Nicolaus Tetens: il Locke tedesco?* Catanzaro: Rubbettino, 2011.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: André Renato de Oliveira. andrerpro@hotmail.com